

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Globalização no Ensino Superior

Rita Borges Santos

Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência

Orientadores:

Professor Doutor Nuno Miguel Pascoal Simões Crespo, Professor auxiliar com agregação, ISCTE Business School

Professora Doutora Nádía Nogueira Simões Crespo, Professora auxiliar, ISCTE Business School

Outubro, 2020

Departamento de Economia

Globalização no Ensino Superior

Rita Borges Santos

Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência

Orientadores:

Professor Doutor Nuno Miguel Pascoal Simões Crespo, Professor auxiliar com agregação, ISCTE Business School

Professora Doutora Nádía Nogueira Simões Crespo, Professora auxiliar, ISCTE Business School

Outubro, 2020

RESUMO

A Globalização no Ensino Superior engloba um conjunto de fatores discutidos por vários autores. Devido à Globalização, várias mudanças no setor do ensino aconteceram ao longo do tempo.

O objetivo da dissertação é perceber o impacto da Globalização no Ensino Superior, consoante fatores como faculdade e curso, país de destino, faculdade de destino, e motivações. Para obtenção dos dados foi realizado um questionário a alunos do Ensino Superior que fizeram um programa de mobilidade internacional (académica ou estágio profissional) de forma a perceberem de que modo a escolha teve impacto na sua vida académica e profissional e em que medida. Neste estudo, todos os inquiridos fizeram um programa de mobilidade académica e todos são de origem Portuguesa.

Posteriormente, é também alvo de estudo Portugal enquanto país de destino para estudantes estrangeiros. Com estes dados, pretende-se responder a duas questões de investigação: de que forma a Globalização tem influenciado o Ensino Superior e como é que Portugal se posiciona neste tema face a outros países.

Palavras-chave: Globalização, Ensino Superior, mobilidade internacional, Erasmus.

Classificação JEL: A230; F600

ABSTRACT

Globalization in Higher Education encompasses a set of factors discussed by several authors. Due to globalization, several changes occurred over time in the education sector.

The goal of this dissertation is to understand the impact of globalization on Higher Education, depending on factors such as university and degree, country of destination, faculty of destination, and motivations. In order to obtain the data, a questionnaire was carried out to higher education students who did an international mobility program (academic or professional internship) in order to understand how the choice impacted on their academic and professional life, and to what extent. In this study, all respondents took an academic mobility program and all were of Portuguese origin.

Subsequently, Portugal is also considered as a study destination country for foreign students. With these data, it is intend to answer two research questions: How has globalization influenced higher education, and how has Portugal positioned itself on this subject compared to other countries.

Key-words: Globalization, Higher Education, international mobility, Erasmus.

JEL Classification: A230; F600.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| I INTRODUÇÃO | 1 |
| II OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO | 2 |
| III REVISÃO DE LITERATURA | 3 |
| 1.Perspetivas de Globalização..... | 3 |
| 2.Fases da Globalização | 6 |
| 3.Globalização, internacionalização e inovação disruptiva da Educação..... | 7 |
| 4.Acesso ao Ensino Superior no contexto da Globalização | 9 |
| 5.Educação como mobilidade da Estratégia de expansão do Ensino Superior | 10 |
| 6.Desafios Futuros – Implicações curriculares | 11 |
| 6.1.O papel dos Docentes no Ensino Superior | 12 |
| 6.2.A importância do Currículo e do Programa Erasmus | 14 |
| IV METODOLOGIA | 16 |
| 1.Medidas de Globalização no Ensino Superior | 16 |
| V IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA..... | 20 |
| 1.Elaboração do questionário | 20 |
| 2.Estudo das perguntas do questionário. | 20 |
| VI ANÁLISE DOS RESULTADOS..... | 23 |
| VII CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| VIII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 43 |
| IX ANEXOS | 46 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Idade e género dos inquiridos | 23 |
| Gráfico 2 – Inquiridos que fizeram um programa de mobilidade internacional ou estágio no estrangeiro | 28 |
| Gráfico 3 – Países de Destino | 29 |
| Gráfico 4 – Principais Universidades de Destino..... | 29 |
| Gráfico 5 – Motivos para fazer um programa de mobilidade internacional | 30 |
| Gráfico 6 – Influência dos protocolos de mobilidade internacional na candidatura a este tipo de programas | 31 |
| Gráfico 7- Importância do País de destino na escolha do programa..... | 32 |
| Gráfico 8 – Motivos da escolha do País de destino..... | 33 |
| Gráfico 9 – Experiência de Erasmus/estágio profissional como fator diferenciador na seleção | 34 |
| Gráfico 10 – Inquiridos que já trabalham ou se encontram a trabalhar na sua área de estudos | 35 |
| Gráfico 11 – Influência do fator Erasmus no recrutamento | 36 |
| Gráfico 12 – Impacto do programa internacional na vida profissional/académica..... | 37 |
| Gráfico 13 – Número de inquiridos que estariam dispostos a trabalhar no estrangeiro..... | 38 |
| Gráfico 14 – Motivos mais valorizados | 38 |
| Gráfico 15 – Recomendação a um amigo a realização de um período de mobilidade internacional | 39 |
| Gráfico 16 – Motivos da recomendação | 40 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Universidades e cursos dos inquiridos | 24 |
|--|----|

I. INTRODUÇÃO

Numa era em que a Globalização se estende a todos os domínios da intervenção humana, o Ensino Superior não é exceção, caracterizando-se pela existência de um misto de culturas, onde os diversos agentes estabelecem relações e concorrem entre si, independentemente da localização física.

A Globalização é um processo de muitas dimensões, cuja definição não é absoluta nem consensual e resulta de diversos conceitos, e por conseguinte serão apresentadas diferentes perspectivas de vários autores ao longo do trabalho.

Com o mudar dos tempos, o sistema educativo sofreu também alterações, tornando-se cada vez mais importante o contacto dos jovens universitários com outras culturas, línguas e modos de ensino diferentes. É, por isso, relevante estudar os efeitos da Globalização no Ensino Superior, como é impactante para os jovens e docentes, e quais as principais razões.

Este estudo pretende interligar os dois conceitos: Globalização e Ensino Superior, clarificando se a Globalização é um fator a ter em conta aquando da escolha da faculdade, e se a experiência internacional poderá ser um fator significativo por parte das empresas na escolha de um recém-licenciado.

Assim sendo, foi realizado um inquérito a alunos que tenham feito um programa de mobilidade internacional (Erasmus ou estágio internacional) aquando do seu percurso académico, que tem como objetivo perceber como esse programa influenciou a sua vida (académica, profissional e pessoal) e de que forma foram feitas as suas escolhas.

II. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Os principais objetivos da dissertação são estudar a relação existente entre Globalização e Ensino Superior e de que modo se influenciam; perceber o impacto da mobilidade internacional nos jovens universitários; e perceber, numa outra fase, se a Globalização influencia positivamente a entrada no mercado de trabalho. Para isso, é importante perceber as perspetivas de vários autores para melhor chegar à conclusão do estudo.

Nesse sentido, pretende-se dar resposta às seguintes questões de investigação:

- ✓ De que forma a Globalização influencia o Ensino Superior?
- ✓ Como tem evoluído a Globalização no Ensino Superior?
- ✓ Qual o impacto da mobilidade internacional nos jovens universitários?
- ✓ Como é que Portugal se posiciona neste tema face a outros países?

Para responder às questões acima, foi elaborado um questionário a alunos que fizeram um programa de mobilidade internacional. Também foi feito um estudo com dados da UNESCO de estudantes Portugueses que escolheram outros países de destino para estudar durante um período e estudantes estrangeiros que escolheram Portugal como país de destino.

III. REVISÃO DE LITERATURA

1. Perspetivas de Globalização

A Globalização é um processo de muitas dimensões, cuja definição não é absoluta nem consensual e resulta de diversos conceitos, como se referencia abaixo.

Santos, B. (2002) afirma que a Globalização não é um processo consensual, é um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses dominantes, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses inferiores por outro, havendo no interior do seu campo dominante divisões significativas que atuam na base de um consenso entre os seus mais influentes membros.

Uma perspetiva de Mendonça, A. (2005: 3) indica que “a Globalização é uma resultante intrínseca e absolutamente definidora da evolução das economias que se libertaram da produção para o autoconsumo e se orientaram para a produção para o mercado. A partir do momento em que a troca passa a comandar as decisões de produção, inicia-se um processo objetivo de integração económica, de expansão espacial das economias e de geração, e aprofundamento de interdependências”.

A Globalização definiu uma nova organização do espaço geográfico, que impacta todas as regiões do mundo, com as diferenças entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, e levando em consideração aspetos económicos, sociais, culturais e políticos. Desde o seu início, verifica-se uma interação entre países, onde é possível realizar transações financeiras, expandir o seu capitalismo até então limitado, sem necessidade de um alto investimento em capital financeiro, devido à comunicação que permite essa expansão.

Uma outra perspetiva assenta no facto da Globalização ser vista como um contexto estrutural de ação humana. Implica uma maior interação entre países, que tem como consequência maior interdependência, levando a que haja mais ação coletiva. (Stiglitz, J. 2007). Esta visão remete-nos para o conceito de mobilidade. Os transportes, as comunicações, o investimento estrangeiro, o comércio, produzem mobilidade de pessoas e ideias, ameaças ou oportunidades. A estrutura do mundo globalizado é determinada pelos fluxos de capital, trabalho, informação e por todos os atores “móveis” descritos anteriormente. (Silva, A. 2017).

Godberg e Pavenick (2007) relacionam Globalização com trocas de bens e serviços entre os países, reduções das barreiras de transporte entre nações, troca de capitais, investimento direto estrangeiro, *outsourcing*, atividade de empresas multinacionais e imigração, perspectiva semelhante à do autor António Mendonça (2005) acima mencionada. As trocas de informação entre países são, também, um ponto a ter em consideração (Schneider, 2003).

Adicionalmente, Sassen (1994) defende a ideia de um novo regime internacional, baseado na ascensão da banca e dos serviços internacionais. As empresas multinacionais são atualmente um elemento importante na estrutura institucional, com os mercados financeiros globais e com os blocos comerciais transnacionais (perspetiva defendida também por Godberg e Pavenick acima mencionados). De acordo com Sassen, todas estas mudanças contribuíram para a formação de novos locais estratégicos na economia mundial: zonas de processamento para exportação, centros financeiros *offshore* e cidades globais.

Assim, “a Globalização económica é sustentada pelo consenso económico neoliberal, cujas principais inovações institucionais passam por restrições drásticas e regulação estatal da economia, novos direitos de propriedade internacional para investidores estrangeiros e criadores de inovações suscetíveis de serem objeto de propriedade intelectual” (Robinson, 1995: 373).

Boaventura de Sousa Santos (2002) aponta para uma perspetiva de Globalização centrada na parte social, em que refere que o global e o local fazem parte dos processos de Globalização. Distingue quatro processos de Globalização produzidos por outros modos de Globalização e define o modo de produção de Globalização como “o conjunto de trocas distintas pelo qual uma determinada condição, entidade ou identidade local coloca a sua influência internacionalmente e, com isso, desenvolve a competência de designar como local outra condição, entidade ou identidade rival”.

Santos, B. (2002) refere ainda que a primeira forma de Globalização é o localismo globalizado. Consiste no processo pelo qual um fenómeno local é globalizado, que pode ser, por exemplo, a Globalização do *fast food* americano, ou a adoção de patentes pelos EUA.

De acordo com Ritzer (2007: 4), que parte da constatação de que as nossas vidas quotidianas estão cada vez mais globalizadas, nas últimas décadas, tem emergido um conhecimento académico distinto, conhecido por teoria da Globalização, que define como "difusão de um

sistema mundial de práticas, a expansão de relações intercontinentais, a organização da vida social a uma escala global e o incremento de uma consciência global partilhada. Porque é um conjunto de processos" (Giddens, 2007: 13), e porque os seus pressupostos são económicos, políticos e culturais, a análise que Ritzer (2007) faz da Globalização inclui a abordagem pluridisciplinar, na pressuposição de que existem, pelo menos, três teorias.

As teorias políticas da Globalização, especialmente na forma do pensamento neoliberal, apontam para duas realidades distintas: a defesa do princípio do livre mercado, sem que existam barreiras estabelecidas pelos Estados-nação e por outras entidades políticas; e o reconhecimento de que a Globalização é o resultado das relações de poder entre Estados-nação. Com base na teoria do sistema mundial, as teorias económicas da Globalização remetem para a relação desigual entre nações e para a importância do capitalismo do conhecimento – período marcado pelo avanço das tecnologias.

Relativamente aos aspetos culturais da Globalização, Ritzer (2007) refere três tendências: (i) diferença cultural; (ii) convergência cultural; (iii) hibridismo cultural (junção de culturas diferentes), afirmando que a Globalização se trata de um processo abrangente. Com a Globalização tornou-se mais acessível a comunicação entre vários países e a transmissão de valores culturais.

2. Fases de Globalização

Após algumas considerações sobre a definição de Globalização e os conceitos subjacentes, importa referir que existem, de acordo com o Banco Mundial (2002), quatro fases deste processo: (i) primeira onda da Globalização, que surge de 1875 a 1914; (ii) recuo para o nacionalismo (1914-1945); (iii) segunda onda de Globalização, de 1945 a 1980, e (iv) a nova onda de Globalização a partir de 1980.

De acordo com o Banco Mundial (2002), a primeira onda de Globalização desencadeou-se devido à redução de custos de transporte através da introdução da ferrovia, substituição dos barcos à vela pelos navios a vapor e redução de barreiras alfandegárias. O padrão comercial baseava-se na troca de bens agrícolas por bens manufaturados. Nesse período, o rendimento *per capita* aumentou cerca de 1.3% em cada ano.

A segunda fase surgiu aquando da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão. Ao contrário da primeira fase, esta caracterizou-se pela implementação de um conjunto de políticas protecionistas por parte dos governos com o objetivo de promover a economia doméstica.

Na terceira fase, Segunda Onda de Globalização, reduziram-se barreiras comerciais, embora bastante seletivas no que consta à exclusividade dos países e produtos. No caso dos países em desenvolvimento, apenas foram liberalizados os bens primários que não competiam com os produtos agrícolas dos países mais desenvolvidos. O aumento das trocas de produtos manufaturados entre os países desenvolvidos elevou a importância da especialização produtiva e das economias de escala. Grande parte do comércio estabelecido entre esses países (desenvolvidos) foi determinado pelas economias de custos resultantes da aglomeração em *clusters*. A aglomeração possibilitou uma maior especialização, tendo originado um aumento de produtividade. Verificou-se, assim, um grande crescimento económico desses países (Clarke, 2001).

A nova onda da Globalização surge a partir de 1980. Caracteriza-se pela existência de um conjunto de países desenvolvidos com uma economia cada vez mais global. A economia global traduziu-se num aumento de fluxos de capitais e migração internacional. Ocorreu a ascensão de alguns países, por exemplo da China, destacando-se pela mão-de-obra para a produção de

produtos manufaturados. Em 1980 as exportações desse tipo de produtos representavam 25% das exportações dos países em desenvolvimento.

O crescimento das exportações de serviços teve também um crescimento incremental nesta fase. Em 1980 as exportações passaram de 17% para 20% nos países mais desenvolvidos e de 7% para 17% nos países menos desenvolvidos. Este acontecimento deveu-se a diversos fatores, como o desenvolvimento tecnológico na área dos transportes, comunicações, produção e redução de barreiras alfandegárias.

3. Globalização, internacionalização e inovação disruptiva

Frente ao cenário de Globalização atual, a internacionalização do ensino é de elevada importância para a inovação disruptiva da educação.

O conceito tratado por Christensen (2011) remete para a origem de novos mercados e modelos de negócio, com soluções mais eficientes do que as existentes até ao momento. Esse conceito pode ser levado ao encaixe na internacionalização do ensino. O autor remete para uma quebra de padrões entre a educação superior existente antes do ambiente globalizado e a nova educação superior, através da internacionalização.

A inovação disruptiva da educação surgiu no decorrer de novas formas de pensar e agir de alunos e professores com um novo conceito de qualidade do ensino com vários atributos que remetem para uma nova cultura de aprendizagem (Christensen, C. 1997).

A internacionalização ocorre por intermédio de programas de intercâmbios educativos e de cooperação técnica de estudantes e professores de vários países. A experiência do intercâmbio incide mais do que a aprendizagem, ocorre também na condução e transmissão de uma nova cultura, conhecimento de novos costumes e formas de pensamento diferentes (Castro, A. 2012).

Aguiar (2009) refere que a internacionalização do ensino, por si só, deve ser tratada como caminho estratégico, não só para o aperfeiçoamento profissional, como também para enriquecimento cultural e técnico. Assim, torna-se um investimento das próprias instituições. Adicionalmente, com a internacionalização do Ensino Superior sentiu-se o aumento dos

intercâmbios logo após a Segunda Guerra mundial. O mundo teve necessidade de se integrar através do Ensino Superior, para troca de experiências ao nível da tecnologia e abertura de novas fronteiras de mercado, dando oportunidade aos jovens de fazerem intercâmbios em diferentes países. Atualmente, muitas são as universidades que têm protocolos de mobilidade internacional, pois acreditam que a internacionalização é crucial para o ensino.

Para Chermann (1999), a internacionalização do ensino é vista não só como um processo que foi influenciado pela Globalização, mas também como um fator que beneficia a mesma, dando contribuição ao enriquecimento cultural, e defende que, de certa forma, há uma cooperação para o Ensino Superior. A internacionalização é uma tendência definitiva no futuro, em que instituições de ensino poderão tornar-se sedes virtuais e globais para a discrepância de culturas e conhecimentos académicos. O autor defende o impacto da Globalização no Ensino Superior, afirmando que existe um enriquecimento cultural com a junção dos dois conceitos.

Segundo Dale (2004), observa-se o surgimento gradual do conceito, com uma cultura remanescente de um número cada vez maior de vivências, incrementadas pela maior participação dos estudantes em programas de intercâmbios e estágios internacionais. Se se considerar que as ferramentas tecnológicas aproximam as pessoas, ainda que virtualmente, esse fator forma uma cultura entre os novos ingressos na vida académica, pela procura constante de experiências culturais, muitas conseguidas através de programas de mobilidade.

Teodoro (2003) refere ainda que a internacionalização do Ensino Superior necessita de uma gestão adequada por parte das universidades, que devem investir em pesquisas sobre cursos, preparação introdutória dos docentes e auxiliares e que o aluno deve ter “voz ativa” pela sua perceção do mundo e pelo grau de interesse que demonstra sobre os assuntos relacionados, dentro e fora do contexto escolar.

4. Acesso ao Ensino Superior no contexto de Globalização

Para se entender a política do Ensino Superior nas sociedades atuais e no âmbito mundial, é necessário observar-se que essa política está relacionada com as mudanças impostas pelo processo de Globalização económica, ao nível nacional e internacional.

Com o avançar dos anos, o sistema educativo sofreu também alterações, tornando-se cada vez mais importante o contacto dos jovens universitários com outras culturas, línguas e modos de ensino diferentes, tal como mencionado pelo autor Castro, A. (2002).

Quando há algumas décadas não se dava a devida importância a este tópico, como referenciado no estudo de Christensen (1996), atualmente as universidades têm já protocolos com universidades estrangeiras de forma a proporcionar aos estudantes a escolha de estudar noutro país um ano ou semestre. Essa junção (ensino e Globalização) traz inúmeras vantagens e num contexto empresarial é por vezes valorizado e pode ser um fator eliminatório aquando a escolha de novos candidatos à empresa. Por outro lado, os alunos têm vindo a demonstrar interesse na experiência de intercâmbio, pelo que uma faculdade que não tenha protocolos vai também ter uma desvantagem competitiva no que toca a atrair os melhores estudantes.

Para além disso, devido à Globalização, as Instituições do Ensino Superior (IES) estão crescentemente mais competitivas. Prova disso é o aparecimento dos *rankings* referentes às IES e às suas várias dimensões de atuação. Como exemplo, aponta-se a Nova School of Business and Economics (Nova SBE), que foi a primeira escola portuguesa de gestão a ingressar no *ranking* do *Financial Times* de formação de executivos. É classificada como a 45ª escola melhor classificada mundialmente. Daniel Traça (2019), reitor da Nova SBE, afirma que o resultado se deveu à dedicação coletiva dos vários intervenientes, focados na mudança transformadora e no impacto sustentável.

Assim, a análise da educação não se deve limitar à prática da sala de aula, numa estrutura de conteúdos, mas às dimensões das políticas educativas e formas de governação, que implica financiamento e regulação.

Contrariamente ao autor Aguiar (2009) mencionado anteriormente, Neto & Castro (2009) apresentam a perspectiva de que o acesso ao Ensino Superior é visto como uma necessidade, por ampliar o conhecimento a setores mais amplos da população, mas sobretudo por contribuir para o desenvolvimento dos países, principalmente os que têm algum desfasamento.

Para o caso da União Europeia, segundo Giddens (2007: 219), está "acordado que a educação geral e o Ensino Superior em particular não caem no âmbito da política europeia comum. O papel da comunidade está limitado a encorajar a cooperação entre os estados-membros. Essa cooperação passa pela adoção do método aberto de coordenação, caracterizado não só pela conceção e implementação de medidas comunitárias, como também pela divulgação de modelos baseados em boas práticas."

5. Educação como mobilidade da Estratégia de expansão do Ensino Superior

Atualmente, regista-se uma procura crescente e cada vez mais competitiva de profissionais altamente qualificados. A capacidade de atrair e reter pessoas com elevada qualificação é verificada por países, regiões e cidades como um requisito para manter um supremo nível de competitividade (Suter e Jandl, 2008).

Deste modo, o crescimento e a complexidade da economia global têm feito com que os governos realizem investimentos na qualificação de recursos humanos, nomeadamente ao nível do Ensino Superior. A ideia de que a aquisição de conhecimentos está muitas vezes associada a uma migração temporária para uma instituição de excelência no estrangeiro tem adquirido relevância, não apenas no meio empresarial, mas também entre os decisores políticos e os dirigentes das universidades. Perante a necessidade de adaptação ao contexto global em constante mudança, as universidades têm procurado o seu futuro na internacionalização. Um exemplo claro é o caso da Nova SBE, que de acordo com Daniel Traça, aponta a internacionalização como um dos seus grandes objetivos. Para desenvolver esse processo, destacam-se as metas para os próximos anos: tornar-se uma marca incontornável no *cluster* europeu das melhores escolas do Ensino Superior, e continuar a ser pioneira e uma referência mundial para o ensino.

O ensino total ou parcialmente em inglês e a participação dos docentes e investigadores em projetos de investigação internacionais, desenvolvidos em parceria com equipas de outros países, atendendo à constante mudança, são outras formas de alcançar a internacionalização (Findlay, 2012). Assim, à medida que as economias dos países se tornam mais ligadas e interdependentes e a participação na educação de nível superior se expande, observa-se um aumento do número de estudantes que procuram melhorar a sua formação e as hipóteses de sucesso nos setores globalizados do mercado de trabalho.

No plano internacional, nota-se um aumento consistente e gradual do número de alunos inscritos em IES em países estrangeiros, constituindo atualmente as migrações por motivos de estudo uma das mais relevantes formas de mobilidade internacional (Bhandari e Blumenthal, 2009). Na Europa, o Processo de Bolonha e a estratégia de Lisboa são exemplos deste envolvimento internacional, permitindo a criação de várias parcerias entre faculdades dos países europeus. O processo de Bolonha teve início em 1999 e tem como objetivo promover a mobilidade de estudantes europeus e de países terceiros, no estabelecimento do espaço europeu do Ensino Superior.

6. Desafios futuros – Implicações curriculares

Segundo Emília Araújo (2012), atualmente as universidades têm de lidar com uma série de desafios que resultam de quatro aspetos: (I) mudanças que as alterações políticas, científicas, económicas e sociais transmitem no paradigma civilizacional contemporâneo e o que isso implica em termos pessoais e coletivos; (II) novas exigências de educação e formação que o processo de mudança transporta e que conduziu ao que hoje se designa por Sociedade da Informação e do Conhecimento; (III) necessidade das universidades se reorganizarem de forma a saberem lidar e preparar novos públicos escolares; (IV) necessidade de reajustar o leque de ofertas formativas, para dar resposta às exigências do mundo atual, e de recorrer a metodologias de investigação e de ensino que permitam preparar os futuros cidadãos na integração em ambientes profissionais cada vez mais complexos e exigentes e em constante mudança, numa lógica de educação e formação.

Embora sejam consensuais as ideias de que não é possível desligar o processo educativo de um país e de que a melhoria da tarefa educativa depende do esforço coletivo dos diversos parceiros sociais, as universidades só conseguem dar resposta a estes desafios se forem cumpridas algumas condições internas, como professores de excelência, estudantes com elevada disciplina, funcionários bem conceituados, entre outros aspetos.

6.1. O papel dos Docentes no Ensino Superior

O papel que os professores desempenham é essencial para melhorar as instituições de ensino e, por consequência, o próprio fenómeno educativo. A sua atividade profissional não se pode restringir apenas às funções que lhes estão consignadas legalmente, uma vez que o profissionalismo docente, sobretudo no Ensino Superior resulta em grande parte das tarefas que se inscrevem para além dos conteúdos funcionais prescritos, corporizando o que Organ (1988: 4) denomina por “comportamentos de cidadania organizacional para identificar um conjunto de comportamentos discricionários, indireta ou explicitamente reconhecidos pelo sistema de recompensa formal e que, em conjunto, promovem o funcionamento eficaz da organização.” O processo de melhoria do Ensino Superior, associado aos desafios de criatividade, inovação e qualidade do ensino, impactou as instituições universitárias, no modelo de aprendizagem atual e no perfil desejável do docente universitário.

No que diz respeito ao perfil do docente universitário, de uma profissão baseada essencialmente na competência científica caminha-se para uma nova figura, onde as competências relacionais e de gestão assumem um novo protagonismo, num contexto em que a pedagogia passa a assumir-se como uma das facetas da qualidade do Ensino Superior e um pressuposto inerente à formação de professores para novas dinâmicas sociais. Uma formação que, segundo Reimão (2001), transita de um modelo magistro-centrado, focado apenas na exposição de conteúdos, para um modelo sócio-centrado, que coloca novas exigências para o docente universitário, como por exemplo, construção de grupos, desenvolvimento de atividades dinâmicas para que os alunos participem e coloquem o conhecimento em situações concretas, tendo como objetivo a melhoria de aprendizagem. Reimão (2001) acrescenta ainda que “o saber não se transmite, constrói-se”.

Com a alteração profunda da quantidade de informação disponível, bem como da rapidez com que pode ser partilhada, os professores, mais do que transmitir conhecimentos, devem preocupar-se em desenvolver certas capacidades nos estudantes – capacidades de análise, seleção e utilização responsável da informação, bem como a adoção de uma postura crítica relativamente à informação disponível. Assim se justifica a convicção de Warnock (2003: 250) de que “será no ensino e na aprendizagem dessas capacidades que as universidades encontram o seu novo papel na Sociedade do Conhecimento. Uma oportunidade que exige professores críticos, abertos à argumentação e, acima de tudo, dispostos a envolverem-se naquilo que é o verdadeiro núcleo da educação: o diálogo”.

Imbérnon (1999) aponta para a transformação das instituições de ensino em comunidades de aprendizagem, baseadas no que designa por “aprendizagem dialógica” – uma aprendizagem que decorre essencialmente da comunicação, uma vez que permite participar mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva na própria sociedade. Sendo uma aprendizagem que se baseia na constante ação comunicativa, gera consensos a partir do diálogo, opondo-se ao modelo de aprendizagem que imperou durante muito tempo e que assentava numa racionalidade instrumental – os especialistas determinavam o quê, como e quando ensinar; os professores limitavam-se à tarefa de aplicar o que outros decidiam. Todas estas mudanças requerem que os professores alterem os modos de trabalho e construam visões diferentes sobre o conhecimento, a teoria e a prática das que têm impregnado o ensino. É necessário docentes com autonomia profissional e independência intelectual para questionar o padrão cultural de ensino, que adotem uma postura crítica e só possível de conseguir com atitudes de reflexão e trabalho em equipa. Neste sentido, o facto dos jovens universitários terem a oportunidade de contactar com professores de várias culturas, aquando da experiência de Erasmus, faz com que conheçam diferentes formas de trabalho e diálogo.

Para além de uma adequada preparação científica, os desafios que hoje se colocam aos professores do Ensino Superior exigem que desenvolvam capacidades relacionais, de partilha e espírito de grupo, bem como a capacidade de tomar decisões. A nova forma de conceber o ensino e a aprendizagem “exige que os professores se empenhem num processo de desenvolvimento profissional contínuo, ao longo de toda a carreira”, podendo assim acompanhar, compreender, e antecipar as mudanças (Day, 2001). “O papel do professor do Ensino Superior deve passar pela

criação do saber e interação com a sociedade passando a universidade, cada vez mais, a ser um centro de discussão de ideias e de contribuição para o progresso social e humano” (Marco Ferreira, 2009: 9).

6.2. A importância do Currículo e do programa Erasmus

Atualmente, a maior parte das empresas conhece os seus candidatos pelo currículo, que se tornou numa etapa crucial no processo de recrutamento. Em vez de um currículo de carácter essencialmente académico, com as disciplinas e programas descritos de forma excessiva, são necessários currículos abrangentes, que possibilitem a diversificação das formas de aprender, com a informação sobre experiências fora do contexto escolar. Isto é, currículos que num mundo global possam ser o “passaporte” de entrada para o mundo do trabalho, independentemente do curso ou empresa.

O programa Erasmus é um programa de mobilidade, que tem cerca de três décadas de funcionamento e destina-se a apoiar atividades Europeias com vista à escolha de intercâmbios e mobilidade dos estudantes, docentes e funcionários. Visa a contribuição para a internacionalização e excelência do ensino na União Europeia, através do incentivo à inovação, criatividade e espírito empreendedor, bem como de coesão social, igualdade e cidadania, no enquadramento dos objetivos de crescimento inteligente e sustentável. (Comissão Europeia, 2017).

Este programa teve origem no projeto multinacional de cooperação educativa “Erasmus de Roterdão”, em homenagem ao humanista e teólogo holandês que defendia a ideia de uma Europa sem fronteiras e única, e foi criado em 1987 pelo presidente François Mitterrand e a Associação Estudantil Aegee Europe, cujo objetivo foi impulsionar a cidadania europeia e difundir a aprendizagem de línguas e culturas. O programa Erasmus teve como pioneiros 11 países (Dinamarca, Bélgica, Alemanha, Espanha, Grécia, França, Holanda, Irlanda, Portugal e Reino Unido) e no ano letivo de 1987/1988 permitiu a mobilidade de mais de 3000 estudantes universitários.

Desde a sua criação, o programa Erasmus evoluiu muito e já não se destina apenas ao ensino universitário. A partir de 2014 designa-se Erasmus+, englobando outras vertentes de formação pessoal e ensino (sem ser necessariamente Ensino Superior), estágios, projetos de

cooperação entre universidades, ONG, empresas, bem como outros atores sociais e económicos na Europa e noutros países.

O objetivo das Autoridades Europeias para 2020 passa pela integração de um público cada vez mais abrangente no Programa, dadas as componentes de formação profissional, educação e desporto, bem como crescimento económico e criação de emprego, facultando aos jovens uma oportunidade de desenvolvimento aos níveis pessoal e profissional. (Comissão Europeia, 2017).

IV. METODOLOGIA

O propósito da Metodologia é apresentar o leque de indicadores utilizados na avaliação das dimensões relevantes que consubstanciam o fenómeno da Globalização no Ensino Superior que servirão para responder às questões de investigação.

Especificamente foram assumidas as seguintes quatro dimensões: (i) número de alunos envolvidos; (ii) países para onde foram estudar; (iii) área de estudo; (iv) *ranking* do país em questão.

Para responder às questões de investigação, pretende-se desenvolver:

- Questionário a alunos do Ensino Superior – para responder à primeira e terceira questão
- Modelo com uma amostra de alunos de Portugal que vão estudar para outros países versus estudantes estrangeiros que vêm estudar para Portugal – para responder à segunda e quarta questão.

1. Medidas de Globalização no Ensino Superior

Antes de apresentar os diversos indicadores que serão usados neste estudo para captar o fenómeno da Globalização comercial e, mais concretamente, as suas várias dimensões constitutivas, importa expor a notação utilizada na apresentação subsequente.

No presente estudo, pretende-se estudar o fluxo de alunos Portugueses que vão estudar para outros países e os que vêm estudar para Portugal, proporcionando uma avaliação do fenómeno.

Seja então:

- X – fluxo de estudantes;
- i ($i = 1, 2, \dots, I$) – número de estudantes portugueses que vão estudar para outros países
- h ($h = 1, 2, \dots, H$) – número de estudantes estrangeiros que vêm estudar para Portugal;
- t ($t = 1, 2, \dots, T$) – ano;
- s ($s = 1, 2, \dots, S$) – setor de atividade de estudo.

Com as variáveis indicadas, apresenta-se o modelo:

Globalização do Ensino Superior = f (Volume de estudantes, Países que vão estudar, área de estudo, *ranking* do país em questão)

Para o estudo em questão, foram retirados dados da UNESCO, considerando Portugal como país de origem e como país de destino. Nas tabelas mencionadas em anexo, verifica-se quais os principais países do estudo que mais estudantes escolhem Portugal como país de destino e quais os países escolhidos pelos jovens Portugueses.

Como segundo ponto da análise, identifica-se as matrizes do modelo. Um elemento genérico da matriz, x_{iht} , representa o fluxo de estudantes do país i para h , no período t . I indica o número de estudantes portugueses que vão estudar para outros países e H o número de estudantes estrangeiros que vêm estudar para Portugal. Como nenhum aluno consegue estar a estudar em dois países diferentes ao mesmo tempo, o número de elementos relevantes de cada matriz é $I(H - 1)$.

A primeira variável considerada na dimensão da Globalização do Ensino Superior é o volume de estudantes.

Para capturar essa dimensão, obtém-se o seguinte modelo:

$$R_t = \frac{\sum_{j=1}^H \sum_{h=1}^H x_{iht}}{\sum_{i=1}^I \sum_{h=1}^H x_{iht} - 1} \quad (1)$$

Calcula-se:

$$R_t = \text{Volume de estudantes} = R'_{t-1} R_t$$

com $R'_{t(\text{ano})} = 1$.

Como mencionado acima, corresponde à dimensão ilimitada da Globalização do Ensino Superior, pois compara o volume real de estudantes atualmente com o valor correspondente no início do período. Pela tabela abaixo, verifica-se que o número de estudantes estrangeiros que escolhem Portugal como País de Destino é superior ao número de estudantes Portugueses no exterior. Assim, o volume de estudantes é de aproximadamente 0,63.

| Indicadores | |
|---|-------|
| Número total de alunos móveis Portugueses no exterior | 14039 |
| % da totalidade de alunos móveis | 30% |
| Número total de alunos móveis em Portugal (país de destino) | 22194 |
| % da totalidade de alunos móveis | 40% |
| Volume de estudantes (Rt) | 0,63 |

No que diz respeito às dimensões delimitadas obtém-se o valor máximo quando os alunos vão estudar para o país de maior *ranking*. Introduziu-se três medidas de Globalização do ensino, todas elas variando de 0 (nível mínimo de Globalização) a 1 (nível máximo de Globalização).

O primeiro índice a estudar mostra a percentagem de fluxos de estudantes positivos no número total de países a nível mundial no ano t :

$$G1t = \frac{\sum_{j=1}^H \sum_{h=1}^H v_{iht}}{I(H-1)} \quad (2)$$

onde v_{iht} é uma variável *dummy* que assume o valor 1 quando o fluxo em causa é positivo e 0 quando o mesmo não existe ou é negativo:

$$v_{iht} = 1 \text{ se } x_{iht} > 0$$

$$0 \text{ se } x_{iht} < 0$$

Com o objetivo de estudar os *rankings* dos países para onde vão estudar os estudantes, consideramos uma nova medida - $G2t$ - capturando a proporção do *ranking* total entre todos os países em que existe fluxo de estudantes positivo:

$$G2t = \frac{\sum_{i=1}^H \sum_{h=1}^H Rank_{iht} v_{iht}}{\sum_{i=1}^H \sum_{h=1}^H Rank_{iht}} \quad (3)$$

Onde $Rank_{iht}$ é o *ranking* de um país face ao total em estudo.

Um aspeto final e importante de estrutura diz respeito à dimensão setorial do fluxo de Globalização. Argumento: a Globalização do Ensino Superior será maior quanto maior for o número de estudantes e países envolvidos.

Neste indicador, foi calculado o *Ranking* de Portugal face ao total dos *Rankings* dos outros países. Abaixo, verifica-se o cálculo:

Pela tabela em anexo, Portugal ocupa o 25º lugar, de 78 países presentes. Com base nessa informação, este é o resultado do *Ranking* de Portugal nesse ano.

| | |
|-----|-------|
| G2t | 0,321 |
|-----|-------|

Este indicador dá resposta à questão de investigação “Como se posiciona Portugal neste tema?”. Neste momento, Portugal ocupa a 25ª posição face aos restantes países do estudo.

Para estudar o último indicador, é crucial referir que Z_t que representa o número médio de países envolvidos com fluxo positivo de estudantes.

$$Z_t = \frac{\sum_{i=1}^H H_i = \sum_{i=1}^H C_{iht}}{I(H-1)} \quad (4)$$

Onde $c_{iht} = \sum_{s=1}^S b_{ihst}$

$b_{ihst} = 1$ se $x_{ihst} > 0$

$b_{ihst} = 0$ se $x_{ihst} < 0$

Calculando a razão entre Z_t e P (número total de países do estudo), obtemos então a percentagem de países com Globalização no ensino, permitindo obter $G3t$:

$$G3t = G2_t \frac{Z_t}{P} \quad (5)$$

O nível máximo de Globalização do ensino em relação às suas dimensões delimitadas ocorre quando $G3t = 1$, significando que todos os países têm fluxo de estudantes estrangeiros. Neste caso, o indicador $G3t$ é de 0,43, o que significa que 43% dos países da amostra são países com Globalização no ensino.

| | |
|---|------|
| Número de países com fluxo positivo (Z_t) | 50 |
| Número total de Países (P) | 115 |
| G3t | 0,43 |

V. IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

1. Elaboração do questionário

O questionário tem como público-alvo estudantes do Ensino Superior ou trabalhadores (ex-estudantes) que tenham feito Erasmus ou estágio no estrangeiro. O principal objetivo deste questionário será estudar a mobilidade de estudantes Portugueses no estrangeiro, percebendo as suas escolhas e motivos e o impacto nas suas vidas. Assim, este permitirá estudar diversos fatores na experiência Erasmus/Estágio, a importância dos programas para cada pessoa, como viveram a experiência e o que mais valorizam.

2. Estudo das perguntas do questionário

Perguntas 1, 2 e 3

As variáveis “Idade” e “Género” permitem perceber qual o intervalo de idade médio a responder a este tipo de questionários e qual o género que mais participa neste tipo de programas de Erasmus/Estágio Internacional. Ambas são uma parte importante da identificação da amostra. A variável “Idade” também permitirá perceber se a amostra contém idades compreendidas entre 40 anos ou superiores a 40, sendo importante para validar a questão da antiguidade ou modernidade deste tipo de programas de mobilidade internacional.

Com a variável “Nacionalidade” compreender-se-á se a amostra é maioritariamente de nacionalidade Portuguesa ou se incide sobre outras e quais as mais relevantes.

Perguntas 4, 5 e 8

Os elementos “Universidade” e “Curso” são relevantes para a identificação da amostra pois irá analisar-se quais as principais universidades e áreas de estudo que ingressam nestes programas.

Com a pergunta 8 perceber-se-á quais as universidades ou empresas que têm parcerias de mobilidade internacional e se foi um dos fatores de escolha. A maior parte das universidades Portuguesas contém parcerias de mobilidade internacional. Será interessante também estudar, com base nas respostas do questionário, quais as universidades que têm mais alunos a escolher

este tipo de programas. A aposta na internacionalização é uma das linhas estratégicas de muitas faculdades, posicionando o ensino, a investigação e a inovação numa perspetiva de Globalização e de contribuição para o desenvolvimento.

Pergunta 6 e 9

Nesta pergunta, será respondido qual o País e faculdade/empresa de destino escolhidos no programa Erasmus/Estágio. Com as respostas, estudar-se-á as tendências dos países mais escolhidos pelos alunos, se são próximos do seu país de origem e quais as entidades. Esta questão permitirá também perceber se a escolha do país e faculdade/entidade difere consoante o curso e faculdade.

A pergunta 9 revelará o grau de importância da escolha do país de destino na experiência de cada inquirido.

Pergunta 7

Os motivos pela escolha do programa serão mais um fator de estudo da amostra. Será relevante perceber quais as opções mais escolhidas e os diferentes padrões consoante as restantes variáveis do questionário (área de estudo, género, faculdade).

Perguntas 10 e 11

Na pergunta 10 serão estudados os motivos para a escolha do país. A segurança, o clima, a proximidade do país de origem, e o custo médio de vida, são algumas opções como influenciadoras dos inquiridos a escolher determinado país.

A pergunta 11 revelará o grau de importância da faculdade de destino.

Pergunta 12

A pergunta 12 incide sobre nível de impacto do Erasmus no desenvolvimento pessoal do inquirido. Os fatores de contribuição para o desenvolvimento pessoal de cada inquirido ajudarão também a obter mais dados da amostra.

Perguntas 13, 14 e 15

O propósito da questão 13 é perceber o grau de importância do programa de mobilidade internacional na seleção de um candidato no contexto profissional. As respostas dependerão de vários fatores e das experiências dos inquiridos enquanto trabalhadores nas suas áreas de estudo (pergunta 14). Os inquiridos classificarão com 5 se o fator Erasmus teve muita influência no seu recrutamento e com 0 se não teve qualquer influência. Com estes dados, compreender-se-á se o programa internacional foi relevante na entrada profissional dos inquiridos.

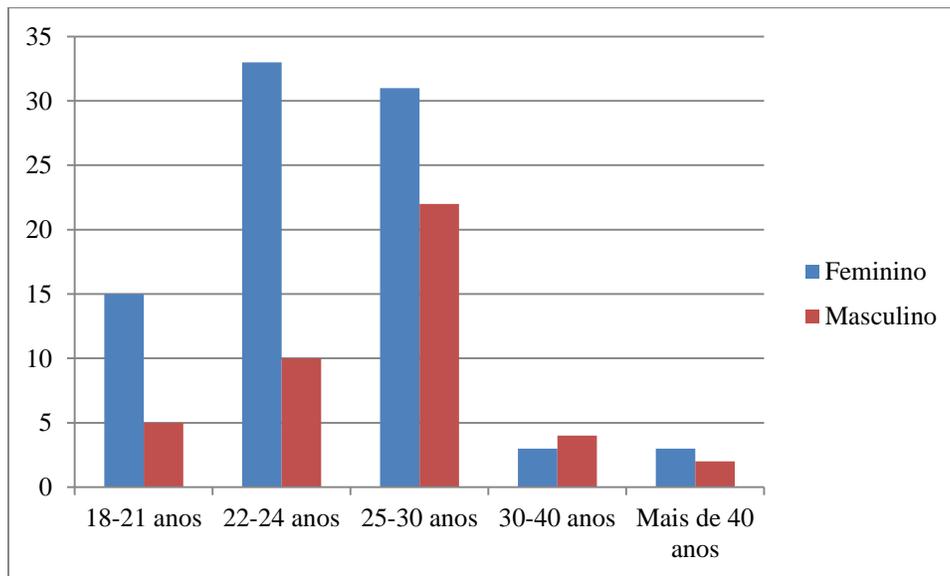
Perguntas 16 e 17

As duas últimas perguntas incidem na escolha de trabalhar e viver no estrangeiro e na recomendação do programa Erasmus/estágio internacional a outras pessoas, explicando os principais motivos. Ambas as respostas poderão inferir a qualidade das experiências do programa de cada pessoa: nos casos de experiência positiva, será mais provável a valorização do programa e a repetição de uma experiência internacional no contexto profissional.

VI. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Perguntas 1 e 2: Idade e Gênero

Gráfico 1 – Idade e gênero dos inquiridos



Das 128 pessoas que responderam ao questionário:

20 pessoas têm idades compreendidas entre 18-21 anos – 15 do sexo feminino e 5 do sexo masculino

43 pessoas têm idades compreendidas entre 22-24 anos – 33 do sexo feminino e 10 do sexo masculino

53 pessoas têm idades compreendidas entre 25-30 anos – 31 do sexo feminino e 22 do sexo masculino

7 pessoas têm idades compreendidas entre 30-40 anos – 3 do sexo feminino e 4 do sexo masculino

5 pessoas têm mais de 40 anos – 3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino.

Pergunta 3: Nacionalidade

A totalidade da amostra é de nacionalidade Portuguesa.

Portugal é o país de origem de todos os inquiridos.

Perguntas 4 e 5: Universidade e Curso

Tabela 1 - Universidade e Curso dos inquiridos

| Universidades e Cursos | Número de pessoas |
|--|--------------------------|
| FEUP | 1 |
| Engenharia e Gestão Industrial | 1 |
| Indiana Institute of Technology | 1 |
| Engenharia mecânica | 1 |
| Instituto Politécnico Coimbra | 1 |
| Secretariado de Direcção e Administração | 1 |
| Instituto Politécnico de Bragança | 1 |
| Técnico de laboratório | 1 |
| Instituto Politécnico de Leiria | 1 |
| Gestão Turística e Hoteleira | 1 |
| Instituto Politécnico de Portalegre | 1 |
| Enfermagem | 1 |
| Instituto Politécnico de Saúde do Norte | 1 |
| Enfermagem | 1 |
| Instituto Politécnico de Tomar | 1 |
| Protecção Civil e Segurança | 1 |
| Instituto Politécnico do Porto | 1 |
| Saúde ambiental | 1 |
| Instituto Superior de Gestão Bancária | 1 |
| Organização e Sistemas de Informação | 1 |

| | |
|---|----|
| Instituto Superior Técnico | 6 |
| Engenharia Mecânica | 2 |
| Engenharia Química | 1 |
| MEQ | 1 |
| Mestrado em Bioengenharia e Nanossistemas | 1 |
| Mestrado Engenharia Química | 1 |
| ISCAC | 1 |
| Contabilidade e Gestão Pública | 1 |
| ISCAL | 6 |
| Finanças empresariais | 1 |
| Gestão | 5 |
| ISCTE | 32 |
| Economia | 2 |
| Engenharia Informática | 1 |
| Finanças e Contabilidade | 3 |
| Gestão | 11 |
| Gestão de marketing | 1 |
| Gestão de Serviços e Tecnologia | 1 |
| GRH | 1 |
| Marketing | 1 |
| Mestrado em Economia da empresa e da concorrência | 3 |
| Mestrado em Economia | 1 |
| Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura | 1 |
| Mestrado em Finanças | 1 |
| Psicologia | 2 |
| Sociologia | 3 |
| ISEG | 23 |
| Finanças | 1 |
| Economia | 6 |
| Gestão | 8 |

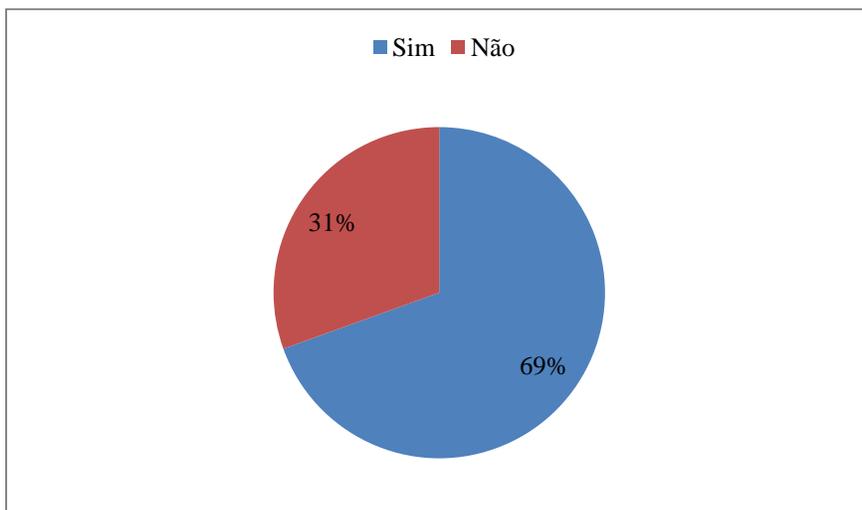
| | |
|---|---|
| Gestão de Sistemas de Informação | 1 |
| Matemática Aplicada à Economia e à Gestão | 6 |
| Métodos Quantitativos para a Decisão Económica e Empresarial | 1 |
| Não frequentou | 2 |
| Universidade Aberta | 2 |
| Ciências da informação e documentação | 1 |
| Gestão | 1 |
| Universidade Católica Portuguesa | 5 |
| Comunicação Social e Cultural | 2 |
| Gestão | 3 |
| Universidade de Coimbra | 4 |
| Economia | 1 |
| Gestão | 1 |
| Medicina | 1 |
| Radiologia | 1 |
| Universidade de Lisboa | 8 |
| Ciências do Desporto | 1 |
| Design | 1 |
| Engenharia biomédica e biofísica | 1 |
| Engenharia Química | 1 |
| Escultura | 1 |
| Estudos Artísticos variante Artes do Espectáculo (licenciatura); Empreendedorismo e Estudos da Cultura (pós-graduação) | 1 |
| Estudos Artísticos variante em Artes do Espectáculo | 1 |
| Gestão | 1 |
| Universidade do Minho | 1 |
| Economia | 1 |
| Universidade do Porto | 3 |
| Doutoramento em Atividade Física e Saúde | 1 |
| Gestão | 1 |

| | |
|--|-----|
| Mestrado Cuidados Paliativos | 1 |
| Universidade dos Açores | 5 |
| Energias Renováveis | 1 |
| Enfermagem | 1 |
| Gestão | 2 |
| Serviço social | 1 |
| Universidade Europeia | 4 |
| Gestão de marketing | 1 |
| Gestão hoteleira | 2 |
| Informática de Gestão | 1 |
| Universidade Lusíada | 1 |
| Musicoterapia | 1 |
| Universidade Nova de Lisboa | 14 |
| Ciência Política e Relações Internacionais | 1 |
| Economia | 2 |
| Engenharia Biomédica | 1 |
| Finanças | 1 |
| Gestão | 4 |
| Gestão de Informação | 4 |
| Mestrado Integrado em Engenharia e Gestão Industrial | 1 |
| Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | 1 |
| Engenharia Informática | 1 |
| Total | 128 |

Dos 128 inquiridos, 32 pessoas estudaram no ISCTE, seguindo-se o ISEG com 23 pessoas e a Universidade Nova de Lisboa com 14 pessoas. A maioria dos inquiridos frequentou os cursos de Gestão, Finanças e Economia, havendo também vários das áreas de Engenharia, Saúde e Comunicação.

Pergunta 6: Programa de mobilidade internacional ou estágio no estrangeiro

Gráfico 2 – Inquiridos que fizeram um programa de mobilidade internacional ou estágio no estrangeiro

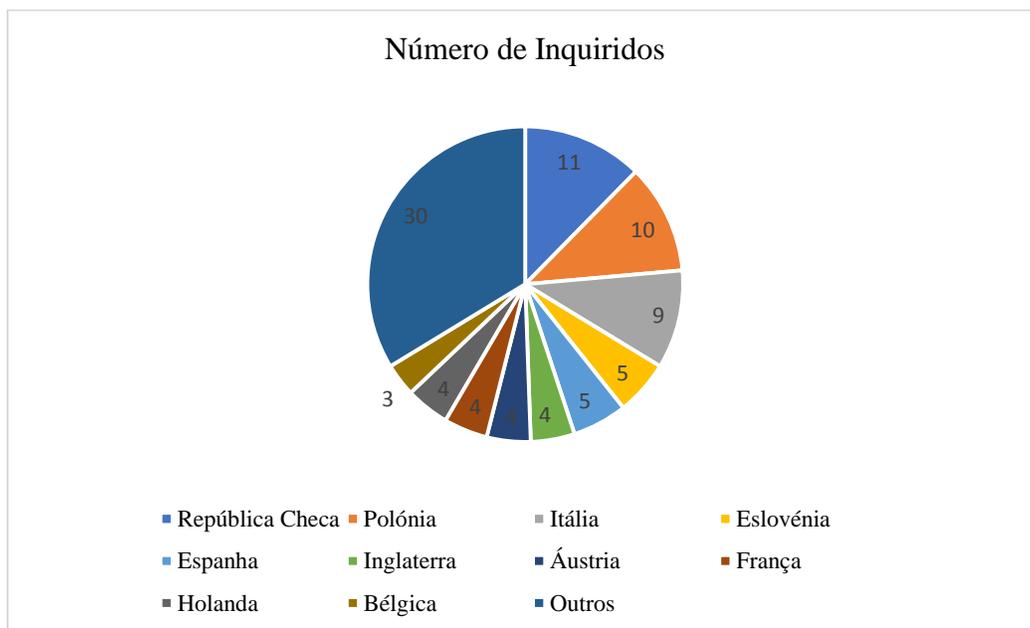


Dos 128 inquiridos, 39 não fizeram um programa de mobilidade internacional. Assim, serão alvo de estudo 89.

Pergunta 7: Países de Destino:

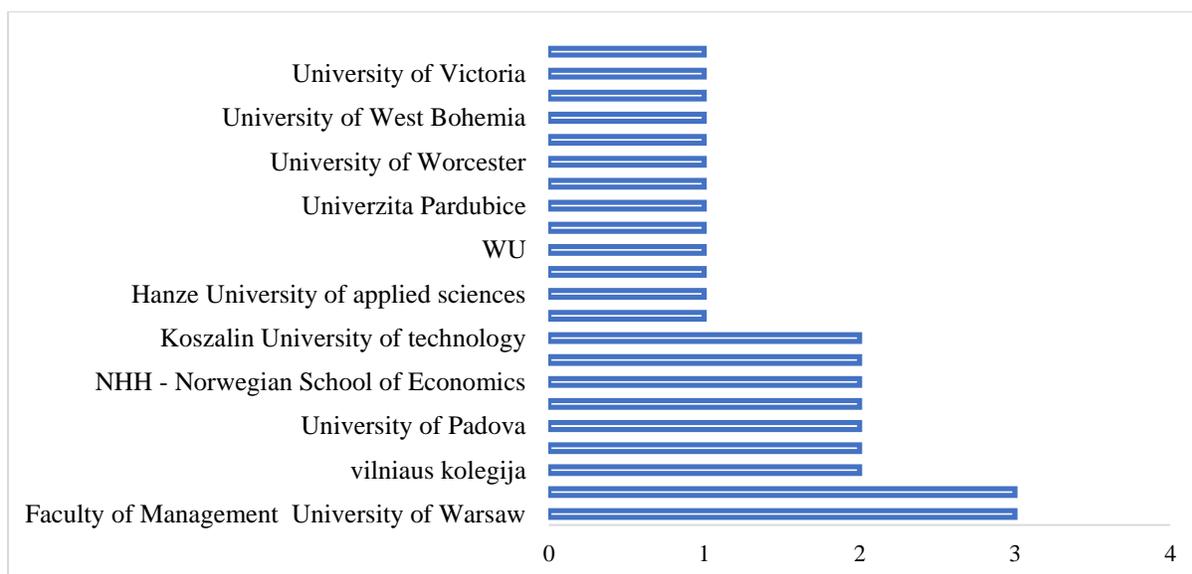
No gráfico abaixo encontram-se as dez principais escolhas dos Países de Destino dos 89 inquiridos. O País mais escolhido foi a República Checa, com 11 respostas, seguindo-se a Polónia, Itália, Eslovénia, Espanha, Inglaterra, Áustria, França, Holanda e por último, a Bélgica, com 3 respostas.

Gráfico 3 – Países de destino



Pergunta 8: Qual foi a tua universidade/empresa de destino?

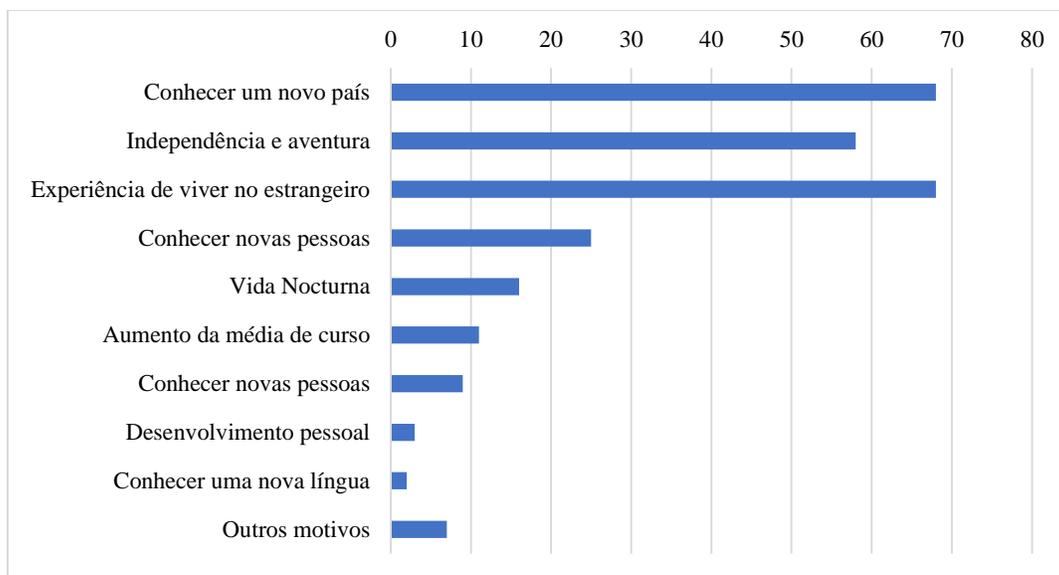
Gráfico 4 – Principais Universidades de Destino



Das mais variadas respostas, 3 inquiridos estudaram um período na Faculdade da Polónia (Faculty of management University of Warsaw).

Pergunta 9: Motivos para fazer um programa de Mobilidade Internacional

Gráfico 5 – Motivos para fazer um programa de Mobilidade Internacional



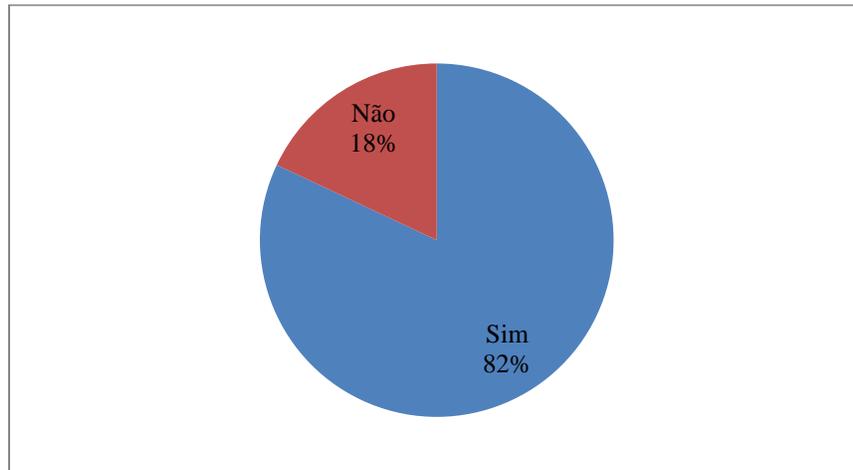
Em resposta à questão “Motivos para fazer um programa/estágio internacional”, os fatores mais escolhidos foram “Experiência de Viver no Estrangeiro” e “Conhecer um Novo País”, com 68 respostas, seguindo-se “Independência e Aventura” com 58 respostas.

Esta questão permite relacionar a Globalização com o Ensino Superior, especificando as principais razões que levaram os estudantes a fazer um programa de mobilidade no estrangeiro.

Poder estudar numa universidade de destino com uma cultura diferente, língua, professores e colegas e ter a oportunidade de viver essa experiência foi apontado como algo marcante em termos pessoais e profissionais/académicos.

Pergunta 10: Influência dos protocolos de Mobilidade Internacional na candidatura a este tipo de programas

Gráfico 6 - Influência dos protocolos de Mobilidade Internacional na candidatura a este tipo de programas

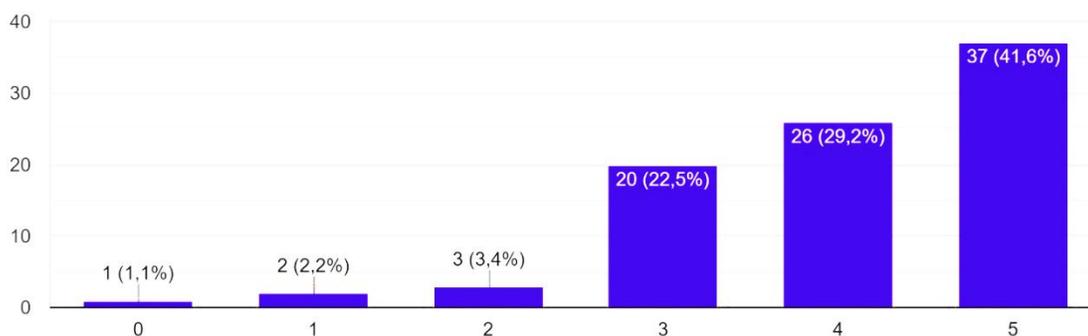


A esta questão 73 inquiridos responderam que o protocolo de mobilidade internacional da faculdade influenciou a sua candidatura e 16 pessoas responderam que não influenciou.

Os protocolos de mobilidade internacional entre universidades contribuem para o multiculturalismo, com a oportunidade de partilha de experiências entre colegas alunos e professores de culturas diferentes, bem como para o enriquecimento da vida universitária, em todos os aspetos.

Pergunta 11: Importância do País de destino na escolha do programa

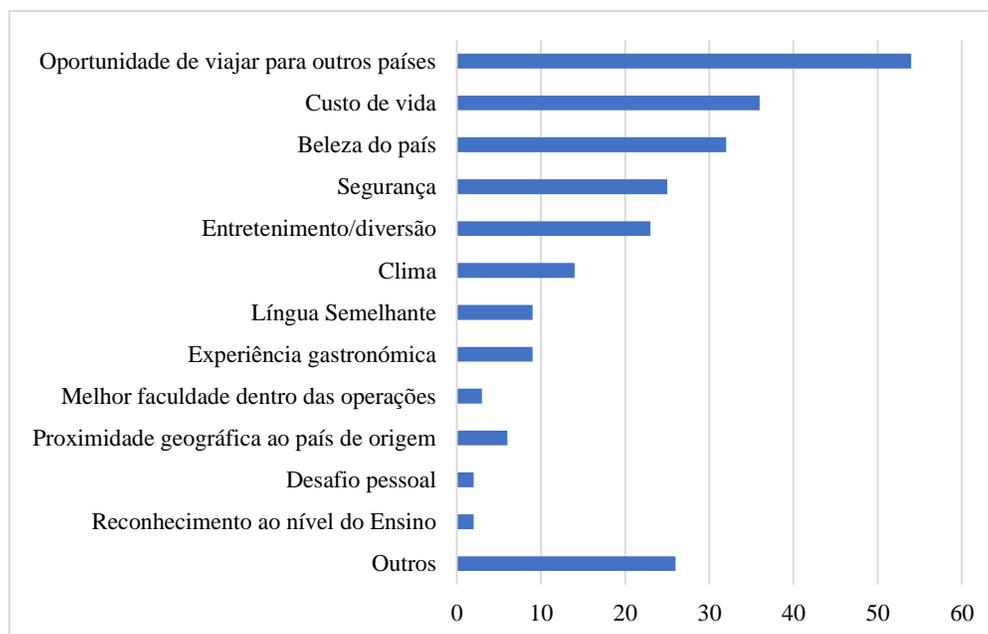
Gráfico 7 - Importância do País de destino na escolha do programa



A escolha do país de destino geralmente é um fator importante para este tipo de programas de mobilidade. Assim, foi colocada essa questão e como respostas o factor 5 - de importância máxima, foi o mais escolhido pelos inquiridos (37 respostas), seguindo-se o factor 4, com 26 respostas.

Pergunta 12: Qual o motivo da escolha desse país?

Gráfico 8 – Motivos da escolha do País de Destino

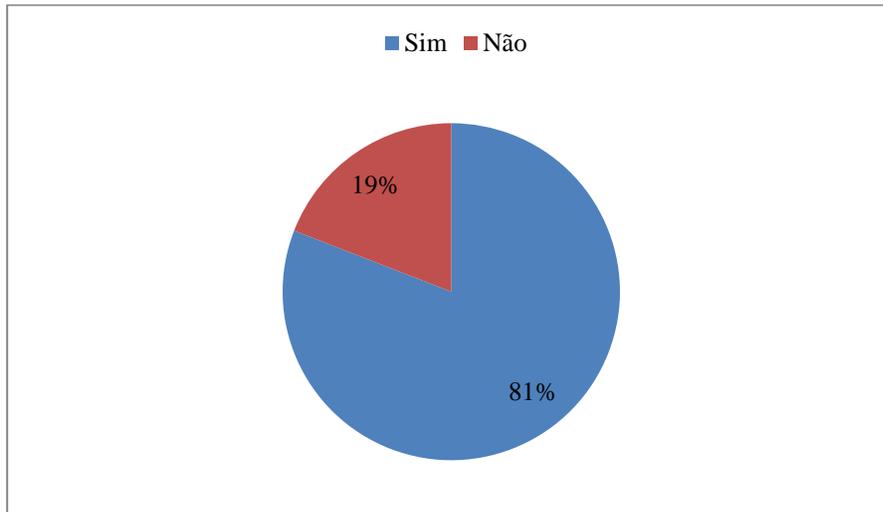


Dos motivos acima mencionados, a oportunidade de viajar para outros países foi o mais escolhido pelos inquiridos, com 54 respostas. Segue-se o custo de vida no estrangeiro, a beleza do país, e a segurança.

Os restantes fatores são também importantes para a escolha do país, como o clima, entretenimento, língua semelhante, experiência gastronomia, proximidade geográfica, faculdade com mérito, desafio pessoal, entre outros.

Pergunta 13: Experiência de Erasmus/estágio internacional como fator diferenciador na seleção

Gráfico 9 - Experiência de Erasmus/estágio internacional como fator diferenciador na seleção

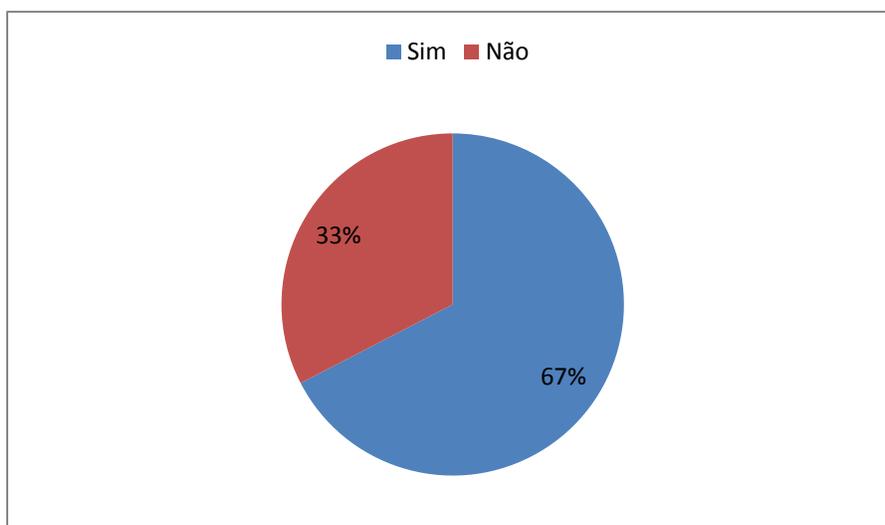


À questão acima mencionada, 72 inquiridos responderam que o programa de Erasmus/Estágio Internacional é um fator diferenciador no processo de seleção de um candidato e 19 pessoas responderam que não concordam com a afirmação.

As respostas são diferentes consoante a experiência e área de estudos de cada inquirido.

Pergunta 14: Já trabalhaste ou encontras-te a trabalhar na área de estudos?

Gráfico 10: Inquiridos que já trabalharam ou se encontram a trabalhar na sua área de estudos

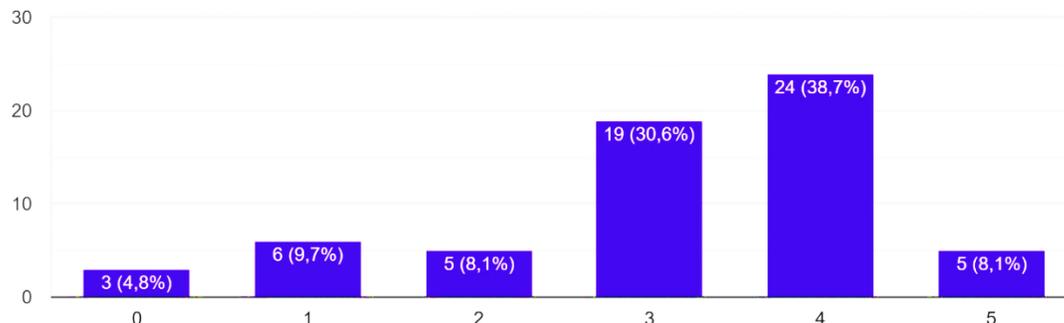


Esta pergunta tem o intuito de perceber quantos inquiridos se encontram a trabalhar na área, de forma a perceber de que modo o fator Erasmus/Estágio Internacional influenciou o recrutamento, ou se pelo contrário, não influenciou.

Deste modo, 60 inquiridos responderam que se encontram de momento a trabalhar na área de estudos e 19 responderam que não.

Pergunta 15: Influência do fator Erasmus no recrutamento

Gráfico 11: Influência do fator Erasmus no recrutamento



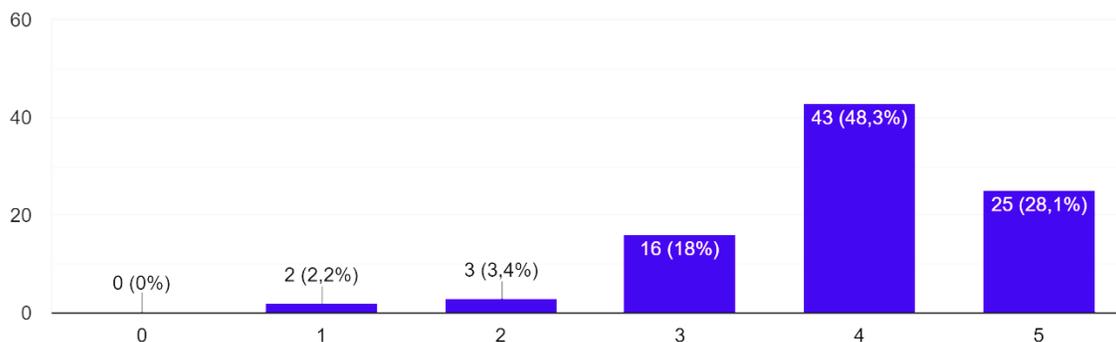
Na pergunta acerca da influência de Erasmus/Estágio Internacional no recrutamento, 24 inquiridos escolheram a opção 4, seguindo-se a opção 3 com 19 respostas.

Esta questão teve respostas distintas, dependendo da experiência e do processo de recrutamento de cada candidato, e pode inclusivamente ser diferente consoante o recrutador, área ou empresa. A conclusão é ambígua, atendendo a que existem trabalhos que exigem externalidades positivas da experiência internacional como domínio da língua inglesa. Como exemplo, aponta-se as áreas de tecnologias de informação e gestão, cujo domínio da língua inglesa é um ponto muito expressivo na profissão.

Pergunta 16: impacto do programa internacional na vida profissional/académica?

Gráfico 12: Impacto do programa internacional na vida profissional/académica

A maioria dos inquiridos, cerca de 43, avalia a experiência internacional com fator 4 em 5.

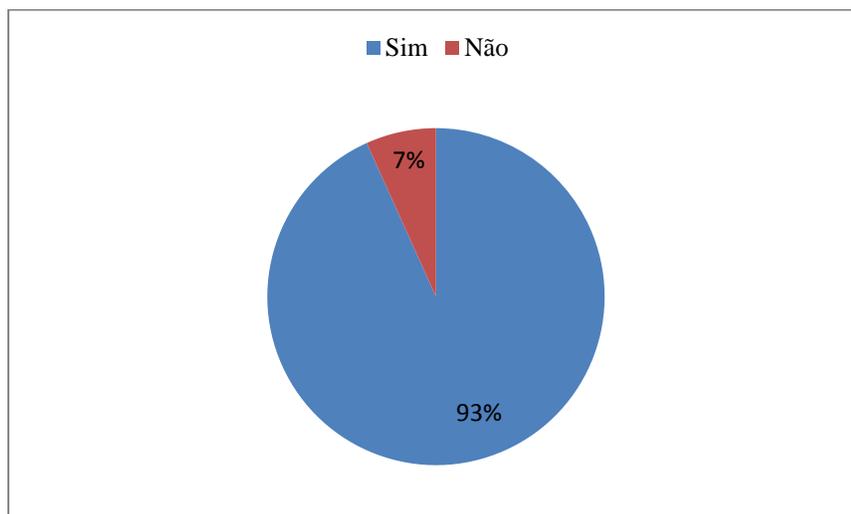


Da amostra, 25 inquiridos avaliam com 5 (fator máximo) o programa de mobilidade internacional na sua vida profissional e 16 inquiridos avaliam com 3 (fator intermédio).

Nesta questão estuda-se o impacto dos programas de mobilidade internacional na vida dos jovens universitários, e foi, de uma forma robusta, apontada como uma experiência enriquecedora e que influenciou a sua vida.

Pergunta 17: Estarias disposto a trabalhar no estrangeiro?

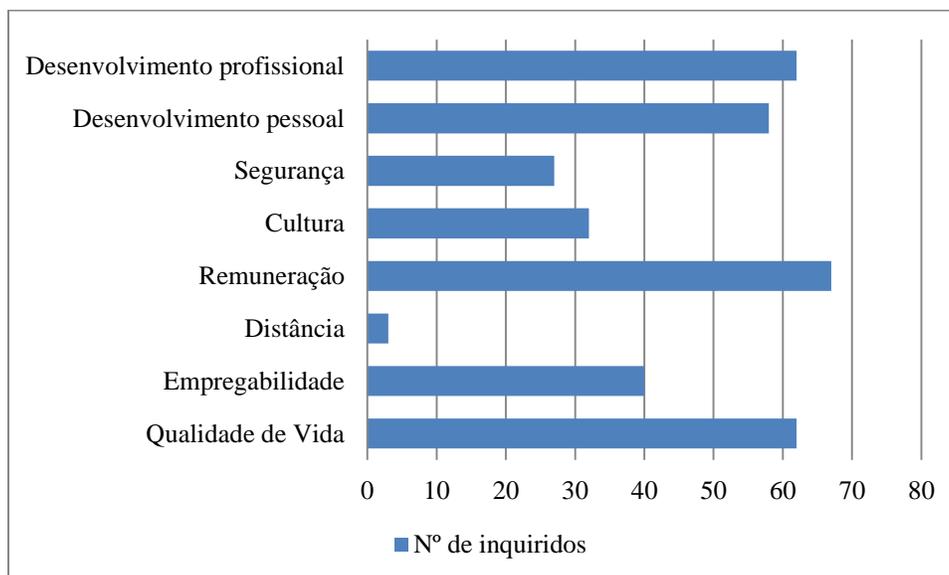
Gráfico 13: Número de inquiridos que estariam dispostos a trabalhar no estrangeiro



O programa de mobilidade internacional, muitas vezes sendo a primeira experiência internacional dos jovens universitários, permite perceber se os jovens ponderam viver e trabalhar no estrangeiro ou num programa de maior duração.

Assim, a esta questão, praticamente a totalidade dos inquiridos respondeu que estariam dispostos a trabalhar no estrangeiro (83 de 89 pessoas).

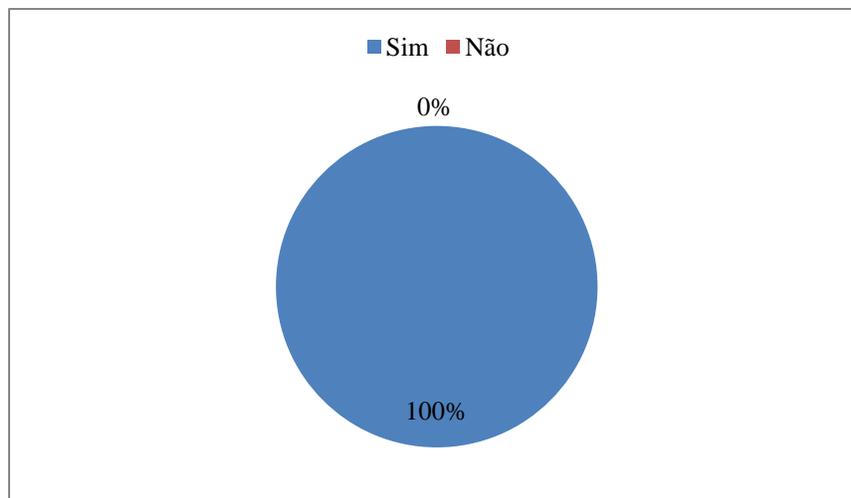
Gráfico 14 – Motivos mais valorizados



Os fatores “Remuneração”, “Desenvolvimento Profissional”, “Desenvolvimento Pessoal” e “Qualidade de Vida” foram os mais escolhidos pelos inquiridos. Cerca de 80,7% da amostra (67 inquiridos) escolheu a remuneração como motivo principal para trabalhar no estrangeiro.

Pergunta 18: Recomendarias a um amigo a realização de um período de mobilidade internacional?

Gráfico 15: Recomendação a um amigo a realização de um período de mobilidade internacional



Nesta questão, os inquiridos responderam unanimemente que recomendariam a um amigo a realização de um programa a nível internacional.

O facto de ser uma experiência única, enriquecedora e de cariz internacional, aponta para o sucesso deste tipo de programas.

Pergunta 19: Enumera as razões da resposta anterior.

Gráfico 16: Motivos da recomendação



De acordo com as respostas obtidas, verifica-se que são variados os motivos que justificam o sucesso deste tipo de programas de mobilidade internacional e que justificam, portanto, a sua recomendação a outrem. Paulatinamente, as pessoas procuram novos desafios, novos conhecimentos de culturas e pessoas, novas experiências para o seu desenvolvimento pessoal, e estes programas são muitas vezes uma opção positiva para adquirir essas vivências.

Os fatores “Experiência”, “Contacto com outras culturas” e “Crescimento pessoal” foram os mais respondidos, seguindo-se “expandir horizontes”, “Independência e Resiliência”, “aventura”, “Novas Competências”, “desafio de viver no estrangeiro” e “melhor qualidade de vida”.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre Globalização no Ensino Superior permite concluir a influência do primeiro sobre o segundo. São cada vez mais os alunos que pretendem ter uma experiência internacional na sua vida académica ou profissional, o que lhes traz inúmeras vantagens relacionais.

Em primeiro lugar foi possível perceber que a Globalização facilita a troca de informação e de mobilidade de pessoas no mundo. A possibilidade que os jovens têm em poder participar em programas Erasmus ou estágios só é possível porque estamos num mundo cada vez mais globalizado, onde as distâncias tornam-se menos importantes e onde é mais fácil viajar e estudar e trabalhar no estrangeiro.

Seguidamente, é importante frisar que a Globalização não é uma constante, e tem evoluído ao longo do tempo, e neste ponto importa mencionar as 4 Fases da Globalização, descritas por Banco Mundial (2002), que aceleraram as exportações, a redução das barreiras comerciais, o aumento de fluxo de capitais, e impulsionaram o progresso tecnológico - crucial nos dias de hoje.

Relativamente ao questionário elaborado, e de acordo com o estudo de Castro, A. (2012) mencionado acima, pode-se concluir que os programas de mobilidade internacional são valiosos para os estudantes universitários e um motivo de superação pessoal e académica, pois vivem um período no país de destino que escolheram, com uma língua e cultura diferentes, com vários desafios interpessoais e académicos associados, sendo, por isso, e de acordo com a amostra estudada, uma experiência única recomendada a todos os que tenham essa oportunidade.

A escolha da universidade e país de destino são também importantes e tornam as experiências diferentes. Existem jovens que se ambientam melhor e que escolhem o país e a universidade pela cultura ser semelhante à portuguesa e geograficamente mais perto, potenciando uma integração mais facilitada. Outros, pelo contrário, escolhem uma universidade com mais mérito académico, não interessando a distância ao país de origem. Este ponto relaciona-se com o estudo de Teodoro (2003), que apontou para o facto de haver a necessidade do estudante ter “voz ativa” dentro e fora do contexto de sala de aula, que aqui se traduz nas suas escolhas.

O facto de vivermos num mundo globalizado tem um forte impacto nas motivações que levam os jovens a ingressar num país estrangeiro por um período. Os jovens procuram reconhecimento, conhecimento, pretendem atingir a realização pessoal, e alcançar um emprego estável, e devido à Globalização, não estão limitados pela geografia do seu país de origem.

A Globalização no Ensino Superior permite formar cidadãos que consigam lidar com a diferença, adequar-se a pessoas com diferente formação e terem condições para tomar decisões por si, de forma a mudarem mentalidades e viverem melhor no mundo globalizado.

Face ao estudo feito, é possível afirmar que Portugal já ocupa uma posição positiva (25º lugar) neste tema face aos 78 países englobados no estudo. Verifica-se que recebe mais estudantes estrangeiros comparativamente ao número de estudantes Portugueses que envia para estudar no estrangeiro. Isso deve-se a várias variáveis, mas acontece principalmente por Portugal ser um país pequeno comparativamente a outros países, com cerca de 385.247 alunos matriculados no Ensino Superior em 2019, e tendo em conta que nem todos os alunos nacionais podem ter a oportunidade de viver essa experiência no estrangeiro.

Por outro lado, Portugal recebe milhares de estudantes estrangeiros por ano nos programas de mobilidade, por ser um país seguro, com qualidade de vida, com um custo de vida abaixo da média, com boas universidades e também por ser um país pequeno e de fácil acesso para se viajar. Pelos dados obtidos através do *site* da UNESCO, Portugal recebe mais alunos do Brasil e Angola para estudarem durante um período, e os estudantes Portugueses escolhem como países de destino principalmente o Reino Unido, França e Espanha.

Em suma, estas foram as principais conclusões retiradas ao longo do estudo e que permitiram perceber de que forma a Globalização tem impacto no Ensino Superior e como esta é uma mais-valia para as universidades e os seus intervenientes.

VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altbach, P., e J. Knight. 2007. The internationalization of higher education: motivations and realities. *Journal of Studies in International Education*, 11 (3-4): 290-305.
- Appadurai, A. 2004. *Dimensões Culturais da Globalização – A modernidade sem peias*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Araújo, E, e Duque, E. 2012. *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho.
- Bartell, M. 2003. Internationalization of universities: a university culture-based framework. *Higher Education*, 45: 43-70.
- Bauman Z. Globalização: As consequências humanas. Rio de Janeiro: 1999.
- Becker, R., e R. Kolster. 2012. *International Student Recruitment: Policies and Developments in Selected Countries*. Netherlands Organization for International Cooperation in Higher Education.
- Bhandari, R., e P. Blumenthal (2009), “Global student mobility: moving towards brain exchange”, em R. Bhandari e S. Laughlin (orgs.), *Higher Education on the Move: New Developments in Global Mobility*, Nova Iorque, Institute of International Education, pp. 1-15.
- Bhandari, R. 2011. *Global student mobility and the twenty-first century silk road: national trends and new directions*, working paper no. 1-23, National Trends and New Directions, Nova Iorque, Palgrave Macmillan.
- Bilhim, J. Teoria Organizacional – Estruturas e Pessoas, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas: 2001.
- Burbules, Nicholas C. & Torre, Carlos. *Globalização e Educação: Perspetivas críticas*. Porto Alegre: 2004.
- Castells, M. 2005. Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume I – A Sociedade em Rede, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Castro, Alda Maria Duarte Araújo. Política de Educação a Distância: Uma estratégia de formação continuada de professores. Editora da UFRN. 2005.
- Cohen, R. 2005. “Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano”, António Barreto (org), *Globalização e Migrações*: 25-42. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Do programa Erasmus para o programa Erasmus+: uma história de 30 anos, https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/MEMO_17_83, 1 de Outubro de 2020.

- Ferreira, M. 2009. O professor do Ensino Superior na era da Globalização. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Friedman, T. L. 2000. *Compreender a Globalização - O Lexus e a Oliveira*, Lisboa: Quetzal Editores;
- Giddens, A. 2000. *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa: Editorial Presença;
- Hofstede, G. 1991. Cultura e Organizações – Compreender a nossa programação mental, Lisboa: Edições Sílabo;
- Kim, S. 2007. “Openness, External Risk, and Volatility: Implications for the Compensation Hypothesis, *International Organization* 61, 181-216.
- Krugman, P. 1995. "Growing world trade: Causes and consequences", *Stanford University*, 327-377.
- Mcluhan, M. & Powers B.R. 1989. *The Global Village – Transformations in World Life and Media in the 21st Century*, Nova Iorque: Oxford University Press;
- OCDE. 2005. *Measuring Globalisation: OCDE Handbook on Economic Globalisation Indicators*, OCDE, Paris.
- Papageorgiou, C., A. Savvides e M. Zachariadis (2007), “International Medical Technology Diffusion”, *Journal of International Economics* 72, 409-427.
- Rodrik, D. 1998. “Why Do More Open Economies Have Bigger Governments?”, *Journal of Political Economy* 106(5), 997-1032
- Rodríguez-Clare, A. 1996. “Multinationals, Linkages, and Economic Development”, *American Economic Review* 86(4), 852-73
- Romer, P. 1994. “New Goods, Old Theory, and the Welfare Costs of Trade Restrictions”, *Journal of Development Economics* 43, 5-38.
- Rugman, A. 2001. *The End of Globalisation, Amacom*, New York
- Schneider, G. 2003. “Globalization and the Poorest of the Poor: Global Integration and the Development Process in Sub-Saharan Africa”, *Journal of Economic Issues* 37(2), 389-396
- Sirgy, M., D. Lee, C. Miller e J. Littlefield (2004), “The Impact of Globalization on a Country’s Quality of Life: Toward an Integrated Model”, *Social Indicators Research* 68, 251-298.
- Stark, O. 2004. “Rethinking the Brain Drain”, *World Development* 32, 15-22
- UNESCO. Política de Mudança e desenvolvimento do Ensino Superior. Lisboa, 1999. Texto adotado pela Conferência Mundial sobre a Ciência - Acedido em 5 de Novembro de 2019.
- Vujakovic, P. 2010. “How to Measure Globalisation? A New Globalisation Index (NGI)”, *Atlantic Economic Journal* 38.

Wilson, I. 2011. What Should We Expect of 'Erasmus Generations', *Journal of Common Market Studies*, Vol. 49. Number 5: 1113–1140.

Woods, N. 2000. *The Political Economy of Globalization, The Political Economy of Globalisation*, Palgrave, New York, 1-19.

IX. ANEXOS

Elaboração do Questionário

Secção 1: Identificação da amostra

- 1) Idade
- 2) Género
- 3) Nacionalidade
- 4) Universidade
- 5) Curso
- 6) Fizeste Erasmus ou estágio fora do teu país de origem?

Se sim, onde?

Qual foi a faculdade/empresa de destino?

Secção 2: Motivos da Escolha

- 7) Quais as razões que te levaram a fazer Erasmus/Estágio internacional?
 - Conhecer um novo país
 - Conhecer novas pessoas
 - Experiência de viver no estrangeiro
 - Aumento da média de curso
 - Influência de amigos
 - Independência e aventura
 - Vida Noturna
 - Outras

8) O facto de a tua universidade ter protocolos de mobilidade internacional influenciou a tua candidatura?

9) De 0 a 5 qual a importância do país de destino na escolha de Erasmus/Estágio internacional?

10) Qual o motivo da escolha desse país?

-Língua semelhante

-Entretenimento/diversão

-Clima

-Proximidade geográfica ao país de origem

-Segurança

-Amigos/familiares a viver nesse país

-Custo de vida

-Experiência gastronómica

-Beleza do país

-Oportunidade de viajar para outros países

-Outro

11) De 0 a 5 qual a importância da faculdade de destino na escolha de Erasmus?

12) De 0 a 5 qual a importância do Erasmus enquanto experiência de desenvolvimento pessoal?

Assinala os fatores da tua experiência que tenham contribuído para isso.

-Amizades;

- Momentos de diversão;
- Experiência de viver sozinho;
- Viagens para outros países;
- Aprendizagem uma nova língua;
- Interação com pessoas de culturas diferentes
- Outro

13) Consideras que o facto de um aluno fazer Erasmus/estágio internacional é um ponto de destaque na seleção de um candidato numa empresa?

-Sim/Não

14) De momento estás a trabalhar na tua área?

Se sim, classifica de 0 a 5 a influência do fator Erasmus/estágio internacional no teu recrutamento.

15) De 0 a 5 qual o impacto do Erasmus/estágio internacional na tua vida profissional/académica?

16) Após a tua experiência internacional, estarias disposto a trabalhar num país estrangeiro?

17) Se respondeste sim, quais os motivos que mais valorizas?

- Qualidade de Vida
- Empregabilidade
- Distância
- Remuneração
- Desenvolvimento Pessoal
- Desenvolvimento profissional

-Outra opção

18) Recomendarias a um amigo a realização de um período de mobilidade internacional?

19) Quais os principais motivos?

Tabela 1– Ranking de Países

| País | Pontuação |
|--|------------------|
| 1º Pequim, Xangai, Jiangsu e Guangdong (China) | 555 |
| 2º Singapura | 549 |
| 3º Macau (China) | 525 |
| 4º Hong Kong (China)* | 524 |
| 5º Estónia | 523 |
| 6º Canadá | 520 |
| 7º Finlândia | 520 |
| 8º Irlanda | 518 |
| 9º Coreia | 514 |
| 10º Polónia | 512 |
| 11º Suécia | 506 |
| 12º Nova Zelândia | 506 |
| 13º Estados Unidos* | 505 |
| 14º Vietnam | 505 |
| 15º Reino Unido | 504 |

| | |
|---------------------|-----|
| 16° Japão | 504 |
| 17° Austrália | 503 |
| 18° Taipei chinesa | 503 |
| 19° Dinamarca | 501 |
| 20° Noruega | 499 |
| 21° Alemanha | 498 |
| 22° Eslovênia | 495 |
| 23° Bélgica | 493 |
| 24° França | 493 |
| 25° Portugal | 492 |
| 26° República Checa | 490 |
| 27° Holanda | 485 |
| 28° Áustria | 484 |
| 29° Suíça | 484 |
| 30° Croácia | 479 |
| 31° Letónia | 479 |
| 32° Rússia | 479 |
| 33° Itália | 476 |
| 34° Hungria | 476 |
| 35° Lituânia | 476 |

| | |
|----------------------------|-----|
| 36° Islândia | 474 |
| 37° Bielorrússia | 474 |
| 38° Israel | 470 |
| 39° Luxemburgo | 470 |
| 40° Ucrânia | 466 |
| 41° Turquia | 466 |
| 42° Eslováquia | 458 |
| 43° Grécia | 457 |
| 44° Chile | 452 |
| 45° Malta | 448 |
| 46° Sérvia | 439 |
| 47° Emirados Árabes Unidos | 432 |
| 48° Romênia | 428 |
| 49° Uruguai | 427 |
| 50° Costa Rica | 426 |
| 51° Chipre | 424 |
| 52° Moldávia | 424 |
| 53° Montenegro | 421 |
| 54° México | 420 |
| 55° Bulgária | 420 |

| | |
|--------------------------|-----|
| 56° Jordânia | 419 |
| 57° Malásia | 415 |
| 58° Brasil | 413 |
| 59° Colômbia | 412 |
| 60° Brunei | 408 |
| 61° Catar | 407 |
| 62° Albânia | 405 |
| 63° Bósnia e Herzegovina | 403 |
| 64° Argentina | 402 |
| 65° Peru | 401 |
| 66° Arábia Saudita | 399 |
| 67° Tailândia | 393 |
| 68° Macedônia do Norte | 393 |
| 69° Baku (Azerbaijão) | 389 |
| 70° Cazaquistão | 387 |
| 71° Geórgia | 380 |
| 72° Panamá | 377 |
| 73° Indonésia | 371 |
| 74° Marrocos | 359 |
| 75° Líbano | 353 |

| | |
|--------------------------|-------|
| 76° Kosovo | 353 |
| 77° República Dominicana | 342 |
| 78° Filipinas | 340 |
| Total | 35392 |

Tabela elaborada com base nos dados da UNESCO - 2017

Tabela 2: Portugal como País de Destino

| Países de Origem | Nº de estudantes que vieram estudar para Portugal |
|-------------------------|--|
| Brasil | 7764 |
| Angola | 2916 |
| Cabo Verde | 2267 |
| Espanha | 965 |
| Moçambique | 751 |
| França | 674 |
| São Tomé e Príncipe | 661 |
| Itália | 543 |
| China | 488 |
| Guiné-bissau | 384 |
| Alemanha | 327 |
| Timor-Leste | 326 |
| Irã, República Islâmica | 258 |
| China, Macau | 233 |
| Estados Unidos | 232 |
| Índia | 204 |
| Ucrânia | 154 |
| Venezuela | 153 |
| Bélgica | 150 |
| Equador | 140 |

| | |
|--------------------------|-----|
| Colômbia | 118 |
| Polónia | 108 |
| Luxemburgo | 107 |
| Reino Unido | 107 |
| Federação Russa | 99 |
| Peru | 96 |
| Países Baixos | 90 |
| Nigéria | 82 |
| Paquistão | 71 |
| Roménia | 67 |
| México | 63 |
| República Árabe da Síria | 61 |
| África do Sul | 58 |
| Canadá | 54 |
| Suíça | 53 |
| Grécia | 47 |
| Guiné | 46 |
| República da Moldávia | 44 |
| Áustria | 44 |
| Guiné Equatorial | 39 |
| Peru | 38 |
| Nepal | 37 |
| Cuba | 36 |
| Egito | 35 |
| Lituânia | 34 |
| Bangladesh | 29 |
| Argentina | 28 |
| Sérvia | 28 |
| Argélia | 24 |
| Camarões | 24 |

| | |
|------------------------|----|
| Chile | 24 |
| Panamá | 23 |
| Bulgária | 21 |
| Marrocos | 20 |
| Líbano | 19 |
| Finlândia | 18 |
| Japão | 18 |
| Iraque | 18 |
| Gana | 17 |
| Cazaquistão | 17 |
| Bielo-Rússia | 16 |
| Tunísia | 16 |
| Viet Nam | 16 |
| Arábia Saudita | 16 |
| Tailândia | 16 |
| Filipinas | 15 |
| Jordânia | 15 |
| Afeganistão | 14 |
| Hungria | 14 |
| República Checa | 14 |
| Bolívia | 14 |
| Emirados Árabes Unidos | 13 |
| Croácia | 13 |
| Andorra | 12 |
| Noruega | 12 |
| Israel | 12 |
| Costa Rica | 11 |
| Indonésia | 11 |
| Dinamarca | 11 |
| Paraguai | 11 |

| | |
|----------------------|----|
| Eslováquia | 11 |
| Namíbia | 10 |
| Etiópia | 9 |
| Irlanda | 9 |
| Palestina | 9 |
| Georgia | 9 |
| Eslovénia | 9 |
| Senegal | 9 |
| Austrália | 9 |
| Guatemala | 8 |
| Haiti | 8 |
| Congo, RD | 8 |
| Uruguai | 7 |
| Tanzânia | 7 |
| Malásia | 7 |
| Líbia | 7 |
| Letónia | 7 |
| Quénia | 7 |
| Uganda | 6 |
| Macedónia do Norte | 6 |
| Côte d'Ivoire | 6 |
| El Salvador | 6 |
| Albânia | 6 |
| República Dominicana | 6 |
| Camboja | 5 |
| Honduras | 5 |
| Chipre | 5 |
| Coreia | 5 |
| Suécia | 5 |
| Congo | 5 |

| | |
|--------------|-------|
| Serra Leoa | 5 |
| Total | 22045 |

Dados retirados do site da UNESCO. 2017

Tabela 3: Portugal como País de Origem

| Países de Destino | Nº de estudantes de Portugal que foram estudar para o estrangeiro |
|-------------------|---|
| Reino Unido | 3681 |
| França | 2251 |
| Espanha | 167 |
| Estados Unidos | 878 |
| Países Baixos | 758 |
| Brasil | 713 |
| Alemanha | 692 |
| Dinamarca | 371 |
| Suíça | 350 |
| República Checa | 349 |
| Bélgica | 240 |
| Itália | 228 |
| Hungria | 199 |
| Canadá | 183 |
| Austrália | 158 |
| Suécia | 146 |
| Polónia | 125 |
| Áustria | 112 |
| Eslováquia | 82 |
| China, Macau | 79 |
| Finlândia | 78 |
| Luxemburgo | 69 |
| Letónia | 68 |

| | |
|------------------------|----|
| Japão | 65 |
| Irlanda | 58 |
| Romênia | 50 |
| Andorra | 44 |
| Moçambique | 41 |
| Noruega | 40 |
| Croácia | 40 |
| África do Sul | 33 |
| Emirados Árabes Unidos | 32 |
| Argentina | 31 |
| Cabo Verde | 29 |
| China, Hong Kong | 26 |
| Bulgária | 23 |
| Arábia Saudita | 19 |
| Nova Zelândia | 18 |
| Coreia | 13 |
| Bermudas | 11 |
| Estónia | 11 |
| Grécia | 11 |
| Federação Russa | 11 |
| Peru | 10 |
| Ucrânia | 9 |
| Eslovênia | 7 |
| República Dominicana | 7 |
| Chipre | 6 |
| República da Moldávia | 6 |
| Malta | 6 |
| Malásia | 6 |
| Índia | 5 |
| Marrocos | 5 |

| | |
|--------------|-------|
| Colômbia | 5 |
| Total | 12655 |

Dados retirados do site da UNESCO. 2017